

A ARTE INGLÊSA

Dr. Fr. Mansueto Kohnen, O.F.M.
Prof. de História das Artes - Rio

O observador da **arte neerlandesa** conhece o povo holandês em sua totalidade. O observador da **arte espanhola** conhece determinadas facetas essenciais do povo espanhol, porém faltam as expressões do humor melancólico e metafísico de um Don Quijote ou a alacridade alada e musical de um Calderón ou da comédia de Lopes. A **arte inglesa** espelha o povo inglês apenas de uma maneira mui condicionada. Representa-se êle essencialmente através de arte, poesia e música? Ou não constitui talvez a forma de sua vida uma prova muito mais intensa: desporte e sociabilidade, comércio, política e domínio?

A História das Artes nem sempre testemunha, cabal e imediatamente, a essência de um povo.

De certo, até determinado ponto, a arte induz à compreensão também do povo inglês. Prefere a arquitetura e a pintura. Desconhece quase por completo realizações notáveis na escultura.

A arte inglesa mostra com simplicidade palpável o caminho e a evolução da Inglaterra. Várias forças básicas criam já na Idade Média um estilo tipicamente inglês. Os séculos XVI e XVII produzem razoavelmente sob influência estrangeira e só o século XVIII traz uma nova forma autóctone.

No dealbar da arte inglesa (até ca. 1200) aparecem separadamente essência celta e anglo-saxã. Floresce (ca. 650-1000) a pintura de livros de origem celta-irlandesa. Provam-nos os evangeliários de Durrow e Kells. Êste estilo passa para o norte da Inglaterra (o Lindisfarne - evangeliário em Londres) e até o continente, obtendo repercussão decisiva. Esta pintura de livros parece contradizer as nossas idéias a respeito do inglês: êle é concreto, ela abstrata - êle tem uma atitude sóbria, ela é fantasista - êle se afasta do passio-

nal, do filosofar e do demoníaco, ela tem como fundamento o demonismo.

Porém estas **fôrças célticas** da fantasia irracional e do misticismo continuam a viver até hoje: em Cornwall, Walles, na Escócia, e particularmente na Irlanda, onde vive ricamente o senso pelo misterioso e românico, onde surgiram muitos poetas, a lenda de Artus e assim a raiz da epopéia cavalheiresca da Idade Média e onde existe o talento musical em belíssimos cantos folclóricos. Assim a pintura de livros de origem celto-irlandesa indica fôrças profundas, que também fecundam e inquietam ainda a Inglaterra de hoje.

Em oposição a êste mundo sonhador dos celtas irrompe, nos primórdios da Idade Média, a **atividade** anglo-saxã: dinamarqueses, anglo-saxões e normandos fundam um reino, que é administrado por uma casta senhorial e guerreira. O espírito desta casta senhorial é atestado no romanismo inglês: das poderosas massas de muralhas surgem ameaçadoramente as tôrres quadrangulares, não qual coroa da cidade - pois, êstes conquistadores não querem fundar cidades —, mas querem fortalezas em terras solitárias. Esta arquitetura robusta e gigantesca vem de um mundo de atividades duras: “Aqui vale a fôrça da energia, da vontade e do espírito do indivíduo. Aqui ela se mede e é medida, numa hierarquia diàriamente experimentada e examinada na comunidade, em desafios, cantos, conversações e lutas”, escreve Huebener (Cfr. *England und die Gesittungsgrundlage der europaischen Fruehgeschichte*, Frankfurt a. M., 1930, pag. 34).

A arte românica não é, na Inglaterra, superada repentinamente pela gótica. A evolução é paulatina e conserva traços essenciais da arquitetura anterior. A gótica torna-se o grande **estilo nacional medieval** da Inglaterra, que predomina na arte até 1600, sendo reassumido no século XIX (por exemplo, na construção de casas aldeãs e no edifício do Parlamento de Londres, 1840-52). A gótica corresponde à maneira de viver dos ingleses. A gótica inglesa não é, contudo, uma imitação da francesa, porque a inglesa conserva a construção central do estilo românico, prefere uma disposição pitoresca e, afinal, a superabundância do ornamento exuberante ou abstratamente linear. Tudo isto contradiz a gótica fran-

cesa, pois o inglês quer sintetizar em **SUA gótica a base de sua existência**: o elemento anglo-saxão e celta (senhorial e robusto), um cristianismo acentuado, uma grandeza imperial e uma união íntima entre construção e paisagem.

A fase de transição entre gótica e renascença cria na Germânia novo florescimento - a Inglaterra começa a criar um novo estilo só no século XVIII. No entretempo faz **importação e empréstimos de outras terras**: Itália, Países Baixos e Germânia. Predominam os pintores: Holbein e Van Dyck. Plagia, na arquitetura, o Palladio e o classicismo francês: Inigo Jones (1573-1651) com o esboço de Whitehall, e Christopher Wren (1632-1723) com a catedral de São Paulo em Londres.

HOLBEIN trabalha na Inglaterra de Henrique VIII. O próprio pintor caracteriza assim os homens ingleses e, com isso, seu próprio estilo: pertencem a uma raça dura, sóbria, às vezes brutal e egoísta de conquistadores. Não excetua, ao lado de homens do punho, os do espírito e de caráter, pois pintou a fisionomia forte e espiritualizada de Th. Morus e o arcebispo Warham, amigo e fator de Erasmus. Holbein Jr. pintou raras vezes um semblante formoso ou sonhador e juvenil em plagas inglesas.

VAN DYCK trabalhou na Inglaterra na fase dos Stuarts mais elegantes, exatamente cem anos depois de Holbein.

Encontra uma Inglaterra diferente: torna-se o pintor da cômica de Carlos I (posteriormente guilhotinado), retrata cavalheiros elegantes, sobretudo mulheres bem cuidadas e crianças ricamente adornadas. Usa cores brilhantes: azul e amarelo, prateado e vermelho, verde aveludado e ouro. Não existe colorido escuro ou indistinto. Tudo é festa, seriedade alegre, domínio de mímica e gestos, descansar majestoso no sentimento da dignidade humana. Van Dyck formou, assim como Holbein, uma faceta essencial da índole inglesa: a faceta social.

“Sociedade” - esta palavra tem, na Inglaterra, outro significado que na Germânia e ainda outro que na França. Fazem parte da sociedade os homens que são nobres e que agem conveniente e decentemente. Ainda hoje é assim, sem que o coração possa discordar. O homem social tem uma frieza cortês, mas

inacessível e orgulhosa. Não importa que em seu íntimo haja tempestades ou que o destino o curve, êle deve conservar atitude e dominar-se. O tom de conversação e até de discussão dura é leve, velado e abafado - e a língua inglêsa se presta ôtimamente para enunciações veladas. Os romances de Galsworthy, da Inglaterra vitoriana, confirmam isto no domínio das letras.

A Inglaterra explorou os pintores forasteiros (também isto é sintomático): mãos estrangeiras erigiram-lhe um **monumento** - Holbein Jr. o monumento de sua raça senhorial e conquistadora e Van Dyck o de seu conceito da sociedade. Estilos estrangeiros ajudaram a formar um terceiro fator, importantíssimo e in-substituível: a representação pública.

Van Dyck fundamentou também a arte social dos artistas vindouros: William Hogarth (1697-1764) e Joshua Reynolds (1723-1792). Ela não tem afinidade com a arte de Fragonard, Rembrandt ou Tiziano. Cultiva apenas o medíocre: homens frios e nobres. Galsworthy já afirmou: “Na Inglaterra não floresce a trágica”. Esta palavra caracteriza a **pintura social** inglêsa. Como se distanciou esta arte da arquitetura vigorosa da arte românica e gótica inglêsas!

A Inglaterra se transformou? Cansou? Não, a arte oferece, por assim dizer, duas facêtas do mesmo objeto. As construções poderosas da Idade Média e as fisionomias duras de Holbein mostram os conquistadores no mundo, os retratos aristocráticos de Van Dyck e do século XVIII ostentam os senhores do amplo “Empire” em casa própria e quase burguesa. O “portrait” do Churchill octogenário manifesta um “Empire” em desagregação e decadência, de maneira que a opinião pública inglêsa se alarmou, enquanto outros sorriram.

Hogarth, após uma vida desregrada nas grandes cidades, cria seqüências de quadros - “Vida de um libertino”, “Currículo de uma meretriz”, “Casamento conforme a moda” ou “Ruela de caçaça”, etc. - para advertir os coevos dos perigos da metrópole. Narra, em outra seqüência, “Aplicação e Preguiça”, a história sentimental de dois amigos: o mais esforçado torna-se logo Lord-mayor e o maroto sobe à guilhotina.

Hogarth toca em outro gênero tipicamente inglê: as assim

chamadas **moralidades**, que gozam de enorme popularidade até hoje. A literatura inglesa foi sempre rica em sátiras, porém, a filosofia inglesa riquíssima em moralistas. Mas a arte inglesa é aqui, como tantas outras vezes, antes encobrimento do que manifestação da vida inglesa. E ela não admite tornar visível o problema do “cant”, quer dizer, de uma moral que pronuncia a palavra “moralidade”, mas que intenciona a palavra “negócio” (business), assim como não quer confessar que a pintura aristocrática constitui uma união de nobreza e “spleen”.

A arte inglesa enuncia com acento lapidar as palavras “cristianismo”, “sociedade”, “moral” e “Empire”, como se tudo isso existisse simplesmente e sem complicação na vida inglesa. Vela o problemático e o equívoco dessas coisas no dia concreto e pequeno. Ergue, com mão segura e não sem elan, uma fachada clara. Encobre o que acontece atrás desta. Assim, a arte inglesa participa também desse traço típico da vida inglesa, que torna aos forasteiros difícil compreendê-la cabalmente: ela é uma expressão velada do ser inglês.

A moralidade inglesa tem, porém, um aspecto manifesto no delicioso **humor** inglês, que transforma a sátira em acento cômico, humor que não machuca nem zela, mas que tem compreensão pelas fragilidades desse mundo. Destarte se reconciliam muitas coisas, também inglesas.

A natureza constitui, ao lado da sociedade, o segundo grande tema da arte e poesia do século XVIII. Surge naquela fase o **jardim inglês**: não corta, como o francês, as árvores e dá-lhe formas geométricas. Entrega tudo ao acaso natural. A casa experimental, como na Alemanha, grande cultura. Os paisagistas mais conhecidos são Gainsborough (1727-88), Crome (1768-1821), Turner (1775-1851) e Constable (1776-1837). Eles aprenderam dos artistas neerlandeses. Preferem às vezes a técnica da aquarela. Fraca foi a época dos pré-rafaelistas (século XIX).

A arte inglesa representa as bases e a História de seu país: partindo do fantasismo místico da pintura de livros celta e da atividade anglo-saxã dos primórdios arquitetônicos, cria na Idade Média uma arquitetura cristã e senhorial, e confere, mormente no século XVIII, aos motivos “sociedade” e “natureza” expressão artística, parcialmente até de repercussão européia.